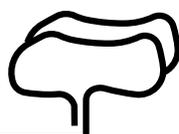


Boletim do Mercado da Cortiça

Campanhas de 2019 a 2023



unac



União da Floresta Mediterrânica

PDR
2020
PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020

PORTUGAL
2020

 **UNIÃO EUROPEIA**
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe na Zona Rural

A UNAC – União da Floresta Mediterrânica

A UNAC representa os interesses dos produtores florestais do espaço mediterrânico português junto das instituições nacionais e europeias, através de uma estratégia de intervenção de cariz técnico-político. Acompanha e analisa todos os processos e iniciativas com relevância e interesse para os seus associados, como é o caso das políticas rurais, florestais, ambientais e fiscais.

Através da UNAC, as organizações de produtores florestais do espaço mediterrânico definem posições comuns sobre temas estratégicos e transversais, desenvolvendo contributos e participações válidas, construtivas e tecnicamente fundamentadas.

Tem uma área territorial de influência aproximada de dois milhões de hectares, representando cerca de 700.000 hectares de áreas agroflorestais e cerca de 1200 produtores.

UNAC – União da Floresta Mediterrânica

R. Mestre Lima de Freitas, n.º 1, 1549 - 012 Lisboa

Tel.: + 351 21 710 00 14

Fax: + 351 21 710 00 37

E-mail: geral@unac.pt

www.unac.pt



Ficha Técnica

Edição: UNAC - União da Floresta Mediterrânica

Design Gráfico, Paginação e Preparação Gráfica: Whitespace

Lisboa, dezembro, 2024

Índice

	Nota Prévia	4
	Sumário Executivo	4
1.	Enquadramento	5
1.1	Contexto Internacional	5
1.2	Contexto Nacional	5
1.3	Mercado do Vinho	6
1.4	Mercado da Cortiça	7
2.	Incidências da Campanha	8
2.1	Evolução das Condições Climáticas nos Novénios	9
3.	Fatores Determinantes da Estrutura de Custos da Extração de Cortiça	9
3.1	Energia	10
3.2	Custos Financeiros	10
3.2.1	Taxa de Câmbio Euro/Dólar	10
3.2.2	Taxas de Juro	11
3.3	Custos de Extração	11
4.	Caraterização das Campanhas de 2019 a 2023	12
4.1	Resultados dos Inquéritos	12
4.1.1	Caraterização do Universo dos Inquéritos	12
4.1.2	Extração e Comercialização	13
4.1.3	Qualidade da Cortiça	15
4.1.4	Preços de Comercialização	15
	Nota Final	17



Nota Prévia

A existência de informação atualizada e periódica sobre os mercados florestais é uma componente essencial para o equilíbrio das relações comerciais entre a oferta e a procura de matéria-prima. Esta questão ganha ainda maior relevância num contexto de grande concentração industrial, como acontece na fileira da cortiça.

Foi esta questão que determinou que a UNAC implementasse um procedimento de compilação de informação relevante para a caracterização do mercado da cortiça, possibilitando um maior conhecimento das dinâmicas de mercado aos produtores suberícolas.

A UNAC, em conjunto com as suas organizações de produtores florestais filiadas, realiza desde 2007 o Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça, que tem possibilitado a recolha junto dos produtores suberícolas de um conjunto de indicadores relativos ao mercado da primeira transação de cortiça.

Esta iniciativa, que constitui a única forma de se obter uma perspetiva das tendências e preços da comercialização da cortiça no decurso da campanha, depende exclusivamente da colaboração dos produtores suberícolas.

Por esse facto, não podemos deixar de agradecer a todos os associados que, ao responderem ao inquérito, confiaram na sua Associação, partilhando informações e promovendo o desenvolvimento do setor produtivo suberícola.

Sumário Executivo

Nos cinco anos a que se referem este boletim, eventos marcantes no contexto internacional ditaram as tendências da economia global. A pandemia Covid-19, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e o conflito israelo-palestino afetaram profundamente a atividade económica de 2020 a 2023 em Portugal e no resto do mundo.

A produção de vinho ao nível mundial, um dos sectores fundamentais de destino dos produtos de cortiça, apresentou entre 2019 e 2022 um decréscimo de 12% em relação a 2018, estimando-se em 2023 um novo decréscimo, de acordo com os dados publicados pela *Organisation Internationale de la Vigne et du Vin*.

Após uma conjuntura menos favorável em 2019 e 2020 devido à situação pandémica, a retoma da economia, em 2021, foi acompanhada por um aumento de 11% no valor e na quantidade de cortiça exportada. Em 2022 e 2023, os valores (em euros) das exportações registaram uma nova subida, tendo sido, no entanto, exportada uma menor quantidade (ton) de cortiça face a 2021. Sendo os EUA o segundo maior importador de cortiça portuguesa, a desvalorização do euro face ao dólar norte-americano poderá explicar, pelo menos parcialmente, esta tendência de crescimento nas exportações.

De acordo com os dados analisados neste boletim, 2021 e 2023 foram os anos com maior quantidade de cortiça extraída. A elevada quantidade de cortiça extraída em 2023 deveu-se em parte à cortiça que ficou por extrair em 2022, devido às condições climáticas pouco favoráveis que dificultaram a extração, e que foi extraída no ano seguinte.

Embora o preço médio da cortiça tenha apresentado uma tendência decrescente entre 2019 (34,70 €/@) e 2021 (32,40 €/@), os valores registados foram superiores aos valores praticados entre 2009 e 2016. Em 2022, o valor da cortiça extraída aumentou 19% face a 2021, atingindo 37,14 €/@, muito provavelmente devido à menor quantidade de cortiça disponível no mercado. Em 2023, o preço de comercialização da cortiça atingiu o valor mais elevado registado desde 2009 (42,50 €/@). Efetivamente, em 2023 foi notório um aumento da quantidade de cortiça comercializada a preços mais elevados, com 71% da cortiça a ser comercializada acima dos 40 €/@, sendo que 11% da cortiça comercializada teve valores acima dos 55 €/@.

Entre 2019 e 2023, o custo de extração de cortiça atingiu um valor máximo em 2023 de 6,86 €/@, que foi o maior valor registado desde 2009. O custo da extração tem vindo a aumentar desde 2016, tendo sido registado o maior aumento entre 2021 e 2022. Apesar do aumento do preço da cortiça amadia, o custo de extração entre 2019 e 2023 representou cerca de 16% do preço de comercialização da cortiça.

1. Enquadramento

1.1 Contexto Internacional

De acordo com o Banco Central Europeu, o crescimento económico mundial diminuiu de forma abrupta em 2019, exibindo um crescimento a uma taxa inferior à média histórica. O abrandamento mundial foi generalizado, incluindo nas economias mais avançadas, como os Estados Unidos, o Reino Unido e o Japão. Na China, o crescimento registou a taxa mais baixa desde 1990. Noutras economias de mercado emergentes de grande dimensão, o crescimento apresentou-se, em geral, pouco dinâmico, reflexo de uma recuperação lenta da recessão.

Em 2020, a economia mundial sofreu uma profunda recessão devido à pandemia de coronavírus. Após os mínimos observados no segundo trimestre de 2020, a economia mundial apresentou uma recuperação parcial no terceiro trimestre, devido ao abrandamento da pandemia e das medidas de contenção. No entanto, a segunda vaga da pandemia e a reintrodução de medidas de restrição em algumas economias avançadas abrandaram o crescimento no último trimestre. Em 2020, o PIB mundial diminuiu 6,6% em relação a 2019.

Em 2021, a economia mundial registou uma forte recuperação face à crise, embora os progressos tenham sido diferentes entre países, com as economias mais avançadas a apresentarem uma maior recuperação comparativamente às economias dos mercados emergentes. Não obstante as novas vagas da pandemia, o PIB mundial aumentou 6,2% em 2021, no entanto as limitações sentidas no abastecimento ao nível mundial funcionaram como fatores adversos ao crescimento.

Em 2022 houve um novo abrandamento da economia mundial devido à guerra da Rússia contra a Ucrânia, à subida da inflação e ao aumento da restritividade das condições financeiras. A diminuição no crescimento mundial de 6,4% em 2021 para 3,4% em 2022 foi generalizada nas economias avançadas e nos mercados emergentes. A guerra levou a uma subida de preços das matérias-primas, da energia e dos produtos alimentares, ampliando a inflação ao nível mundial e reduzindo o rendimento disponível real das famílias.

No primeiro trimestre de 2023, verificou-se o início da tendência de desaceleração do aumento do nível de preços na zona euro, no entanto manteve-se uma elevada taxa de inflação decorrente dos efeitos do conflito militar entre a Ucrânia e a Rússia e dos estrangulamentos das cadeias de abastecimento. Mesmo assim, a economia mundial revelou-se mais resiliente do que o esperado no primeiro semestre de 2023, mas as perspetivas futuras de crescimento permanecem fracas.

1.2 Contexto Nacional

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, o PIB português cresceu 2,7% em termos reais em 2019. Todavia, na sequência dos efeitos adversos da pandemia na atividade económica, foi observada uma diminuição histórica de 8,4% no PIB em 2020. Em 2021, o PIB cresceu 5,5%, e em 2022 o crescimento foi de 6,8%, embora a economia tenha registado a partir do segundo trimestre de 2022 uma forte desaceleração, após o período de recuperação da crise pandémica. A evolução da economia portuguesa tem sido condicionada pelos efeitos da agressão militar russa à Ucrânia, em particular por causa do aumento da incerteza geopolítica e da crise energética na Europa, que contribuíram para exacerbar o aumento de custos e preços, e para a deterioração da confiança dos agentes económicos. Em 2023, a economia cresceu mesmo assim acima do esperado, sustentada em larga medida pelo dinamismo das exportações.

1.3 Mercado do Vinho

A indústria vinícola é o principal sector de destino dos produtos de cortiça, absorvendo 72% da produção de cortiça, seguido do sector da construção civil (25%), que inclui os pavimentos, isolamentos e revestimentos, os cubos, placas, folhas, tiras e, por último, com cerca de 3%, encontram-se os outros produtos de cortiça (Figura 1).

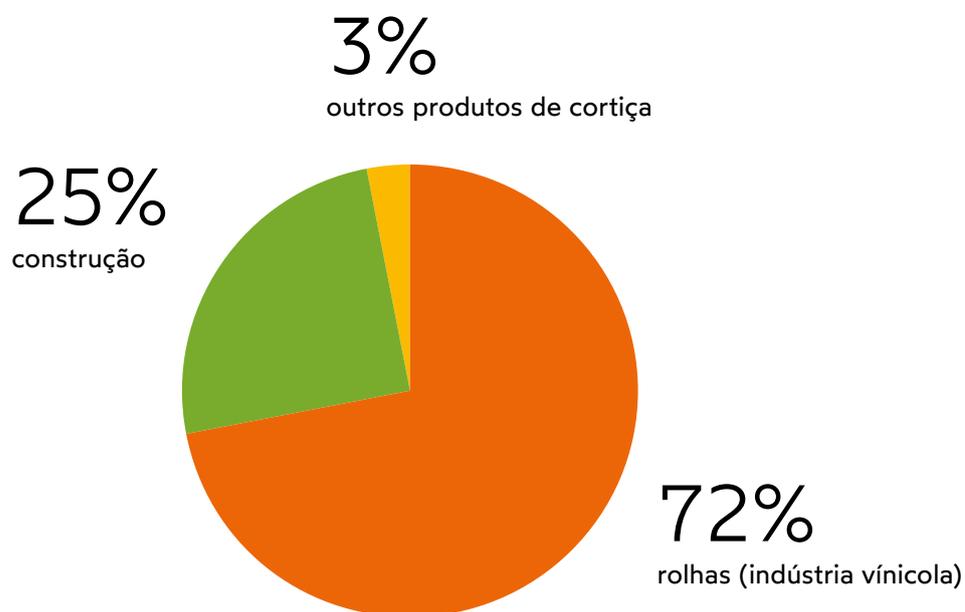


Figura 1 – Destino da cortiça vendida – 2017 (Fonte INE e APCOR, 2018).

De acordo com a OIV (Organisation Internationale de la Vigne et du Vin), os anos de 2019 a 2023 caracterizaram-se por:

- Uma área global plantada com vinha, em 2019 de 7.345 mil ha, mantendo-se quase equivalente à de 2018. Em 2020, foi registado um pequeno aumento, logo seguido de um decréscimo a partir de 2021, chegando aos 7.202 mil ha em 2023 (- 156 mil ha face a 2020). Espanha mantém-se como líder na área plantada, com uma área média entre 2019 e 2023 de 958 mil ha, mas com uma tendência decrescente, seguindo-se França (795 mil ha), também com uma tendência de decréscimo, e a China com um cerca de 778 mil ha e uma redução de 4% na área de vinha entre 2022 e 2023
- Entre 2019 e 2022, a produção mundial de vinho foi estável, estimando-se em cerca de 259,8 Mhl, mas com um decréscimo de 12% em relação a 2018. Em 2023, a produção estimada apresentou um decréscimo, chegando aos 237 Mhl. No ranking das produções de vinho não ocorreram alterações, com Itália a manter a sua liderança mundial, com uma produção máxima de 50,2 Mhl em 2021 e um decréscimo em 2023 (38,3 Mhl), seguindo-se França, com um pico produtivo em 2023 (48 Mhl), mas registando um decréscimo na produção em 2021 (37,8 Mhl), e Espanha, com um pico de produção em 2020 (41 Mhl) e uma menor produção em 2023 (28,3 Mhl).
- A produção nos EUA continua elevada (23,81 Mhl | média dos cinco anos), registando após uma tendência decrescente entre 2019 e 2022, um aumento na produção em 2023. Depois de um aumento entre 2017 e 2018, em 2019 a produção de vinho decresceu 10% na Argentina, 7% no Chile e 29% no Brasil. Entre 2019 e 2023, a Argentina registou uma maior produção do que em 2019 (13 Mhl) e um menor valor de produção em 2023 (8,8 Mhl). Em 2021, com uma produção de 13,4 Mhl, o Chile tornou-se no maior produtor de vinho da América do Sul, ultrapassando a Argentina, mantendo a liderança até 2023. Desde 2020, o Brasil tem vindo a aumentar a sua produção, tendo registado um valor de 3,6 Mhl em 2022.

- Entre 2019 e 2023, o consumo mundial de vinho variou entre 236,7 Mhl (2019) e 221,2 Mhl em 2023. Os países consumidores tradicionais mantêm a sua tendência de decréscimo ou de estabilização, em benefício das novas áreas de consumo. Entre 2000 e 2017 houve uma alteração do paradigma de consumo, verificando-se que cada vez mais o vinho é consumido fora da região de produção. Os Estados Unidos da América mantêm a sua posição como o maior consumidor desde 2011 (com um consumo que variou entre 33,1 Mhl em 2021 e 34,3 Mhl em 2019 e 2022, seguido de França com um consumo a variar entre 23,2 Mhl (2020) e 25 Mhl (2022), Itália com um pico de consumo em 2020 e 2021 (24,2 Mhl) e menor consumo em 2023 (21,8 Mhl), Alemanha com um consumo pouco variável (cerca 19,5 Mhl), Reino Unido com menor consumo em 2019 (12,6 Mhl) um pico de consumo em 2021 (13,9 Mhl) e China com um decréscimo acentuado entre 2019 (15,0 Mhl) e 2023 (6,8 Mhl).
- Após um aumento nas exportações mundiais de vinho em 2017, a quantidade comercializada teve um decréscimo de 4% em 2018, mantendo-se nos 106,2 Mhl nos três anos seguintes. Em 2021, há um aumento de 5% na quantidade comercializada, com um novo decréscimo (-4%) em 2022.

1.4 Mercado da Cortiça

Segundo os dados do comércio externo do Instituto Nacional de Estatística (INE), entre 2013 e 2018 o valor das exportações de cortiça apresentou uma tendência crescente, estagnando entre 2018 e 2019 (Figura 2). Para o mesmo período, a quantidade de cortiça exportada decresceu entre 2013 e 2015, aumentando nos três anos seguintes e decrescendo novamente entre 2018 e 2019, tendo sido atingido um valor máximo da quantidade de cortiça exportada em 2018 (200,6 milhares de toneladas) (Figura 2). Provavelmente devido à situação pandémica, entre 2019 e 2020 foi verificado um decréscimo de 4,6% e 9,7% no valor e quantidade de cortiça exportada, respetivamente. A retoma da economia, em 2021, foi acompanhada por um aumento de 11% no valor e na quantidade de cortiça exportada, com as exportações de cortiça a atingirem os 1.127 milhões de euros. Em 2022, os valores das exportações registaram uma nova subida de 7,3%, tendo sido, no entanto, exportada uma menor quantidade de cortiça face a 2021 (Figura 2). Em 2023, apesar da quantidade de cortiça exportada ter sofrido uma redução de 16,7%, o valor das exportações registou um pequeno aumento de 0,2%. Sendo os EUA o segundo maior importador de cortiça portuguesa a seguir a França, a desvalorização do euro face ao dólar norte-americano poderá ajudar a explicar parte desta tendência de crescimento nas exportações.

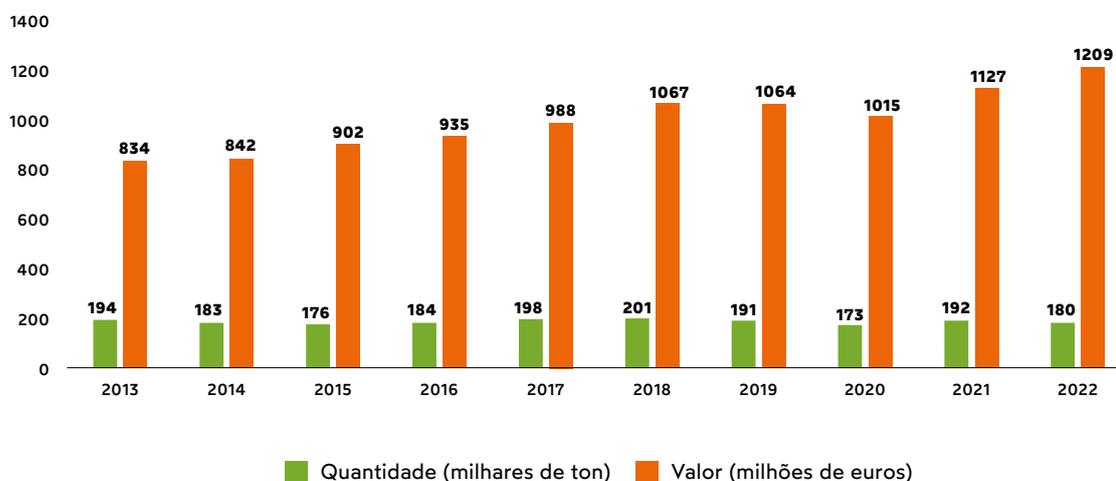


Figura 2 – Exportações de Cortiça (Fonte: INE).

2. Incidências da Campanha

2.1 Evolução das Condições Climáticas nos Novénios

As condições climáticas do novénio que antecede o descortiçamento, juntamente com outros fatores, como a incidência de pragas e doenças ou as práticas de gestão adotadas, determinam o vigor vegetativo dos sobreiros e o crescimento da cortiça. As condições climáticas têm um papel fundamental na fisiologia do sobreiro e, portanto, no desenvolvimento da cortiça, além de que as temperaturas elevadas podem ainda acelerar diretamente o ciclo de vida dos insetos, aumentando a pressão das pragas sobre as árvores. As condições climáticas que antecedem as campanhas de descortiçamento têm assim impactos profundos na produção e na qualidade da cortiça.

Os novénios que antecederam as campanhas de 2019 a 2023 foram caracterizados por dois anos extremamente quentes e secos (2015 e 2017), apresentando reduções na precipitação na ordem dos 35% (valor médio) e incrementos na temperatura média anual de 1°C comparativamente ao valor médio para Portugal Continental (normal climatológica 1971-2000) (Figuras 3 e 4). Entre 2019 e 2023, o número de anos quentes e secos foi sendo mais frequente, e no caso particular do novénio que antecedeu a campanha de 2022, os três anos anteriores ao descortiçamento foram caracterizados por menor precipitação (-153 mm | valor médio, isto é, menos 17% de precipitação normal) e temperaturas mais elevadas (+ 0,64 °C | valor médio), comprometendo o crescimento da cortiça e o descortiçamento (o ano de 2022 foi o mais quente dos últimos 92 anos | + 1,5 °C) (Figuras 3 e 4). Comparativamente aos novénios que antecederam as campanhas de 2020, 2021, 2022 e 2023, o novénio anterior a 2019 apresentou globalmente condições climáticas menos severas, uma vez que incluiu dois anos húmidos (2014 e 2010), com + 181 mm e + 216 mm de precipitação, respetivamente, em relação ao valor da normal e três anos com precipitação normal (2013, 2016 e 2018) (Figuras 3 e 4).

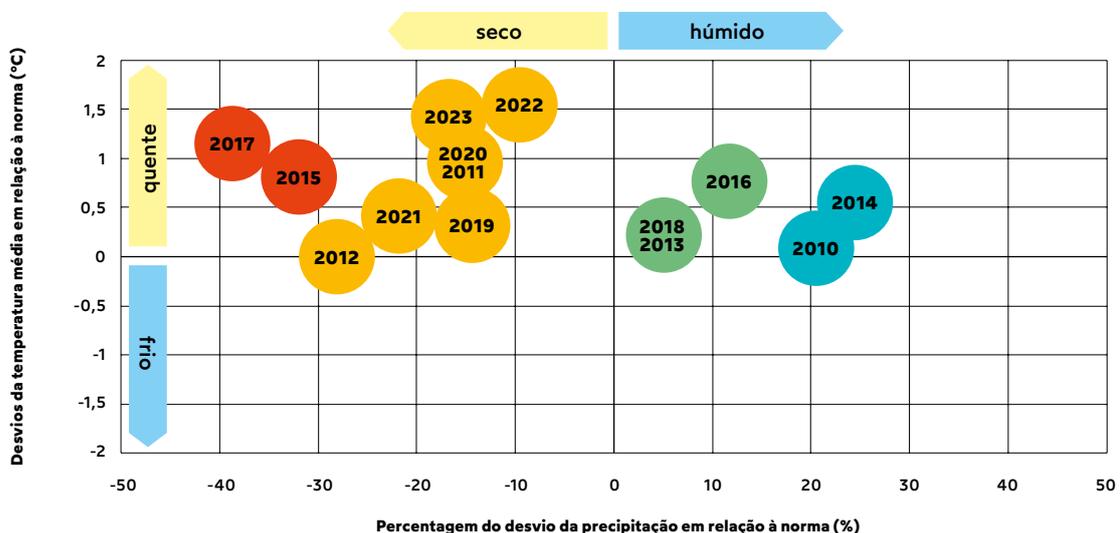


Figura 3 – Desvios da temperatura média do ar (°C) e precipitação (%) em relação à normal (1971-2000) para Portugal continental entre 2010 e 2022 (Fonte: IPMA).

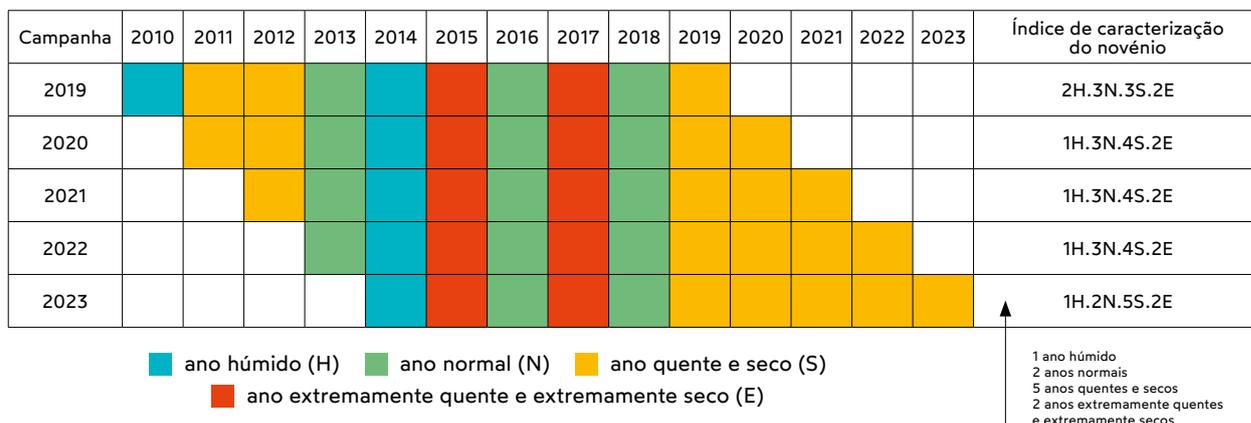


Figura 4 – Caracterização climática do novénio antecedente às campanhas de 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023 (Fonte: IPMA).

Embora os dados apresentados se refiram a Portugal Continental, não refletindo as variações regionais e locais da precipitação, os períodos/meses em que a mesma ocorreu e as condições específicas de cada montado, não deixam de ser elucidativos quanto ao potencial impacto no crescimento da cortiça, uma vez que uma redução da precipitação está associada a uma redução de calibre. A título indicativo, a redução de precipitação ocorrida no ano extremamente seco de 2017 representou para o distrito de Setúbal uma redução de 65% da precipitação média anual, 54% em Castelo Branco, 50% em Santarém e 61% em Portalegre.

3. Fatores Determinantes da Estrutura de Custos da Extração de Cortiça

3.1 Energia

As evoluções dos mercados da área da energia refletiram os efeitos da pandemia e os efeitos do início do conflito Rússia-Ucrânia na economia global. Após um ano de 2019 com algumas oscilações do preço do petróleo, variando entre 51,7€ e 64,4€, no último trimestre de 2019 a ligeira subida observada no preço do petróleo foi motivado pela incerteza quanto ao comportamento da procura, pelas tensões geopolíticas e pela decisão da OPEP e da Rússia em aprovarem o alargamento dos cortes acordados à produção de petróleo (Figura 5). Em 2020, a pandemia, agravada pela guerra comercial entre a Arábia Saudita e a Rússia, levou a uma queda abrupta da cotação do petróleo, com o preço a atingir um valor mínimo histórico de 13,69€ em abril desse ano. Em 2021, registou-se uma recuperação destas cotações, que se prolongou durante o início de 2022. No segundo trimestre de 2022, o preço do petróleo registou um valor médio de 108,34€, um aumento face ao trimestre anterior (92,35€), em resultado do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. No mês de junho, a cotação do petróleo atingiu um máximo histórico desde 1999, chegando a 120,49€. No 4.º trimestre de 2023, inverteu-se a tendência de evolução decrescente desde julho de 2022, com o início do conflito israelo-palestino (Figura 5).

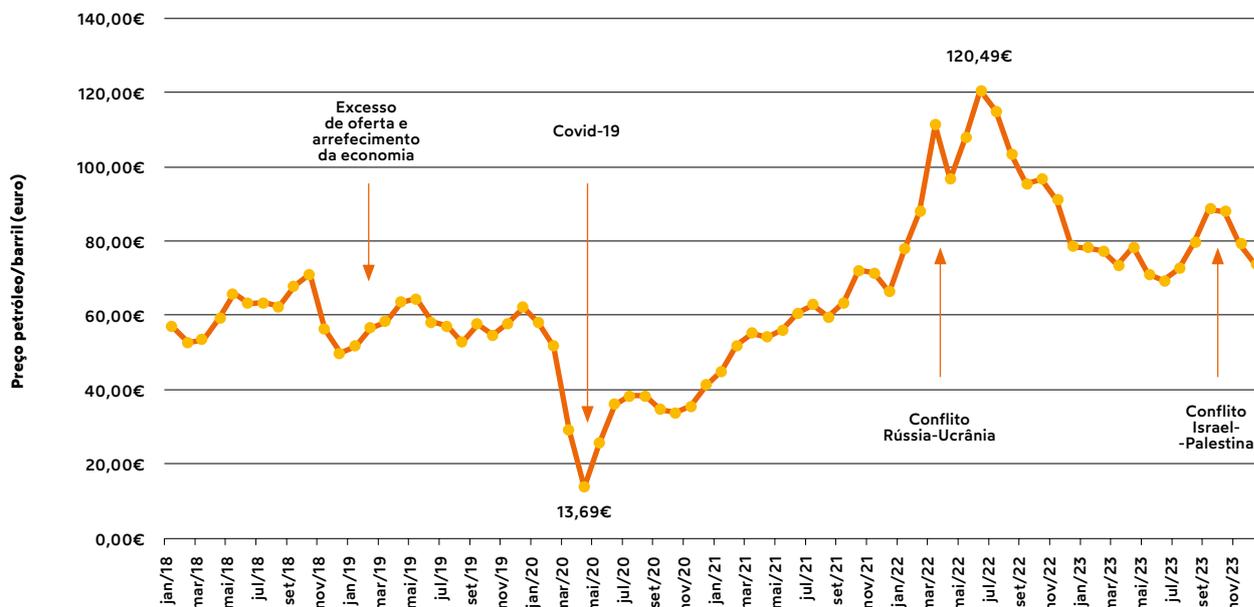


Figura 5 – Preços médios mensais do petróleo (EUR por barril) entre janeiro 2018 – dezembro 2023 (Fonte: Banco de Portugal), e principais eventos que marcaram a evolução do preço do petróleo.

3.2 Custos Financeiros

3.2.1 Taxa de Câmbio Euro/Dólar

Em 2019, o euro manteve a tendência de depreciação relativamente ao dólar norte-americano, já registada em 2018 (Figura 6). Esta tendência manteve-se até ao primeiro trimestre de 2020. No entanto, após uma queda do euro face ao dólar no início da crise sanitária, a moeda europeia mostrou uma tendência de valorização. Se no início da crise pandémica, o dólar era uma moeda forte, por ser considerado pelos investidores como um porto seguro, a implementação, em março, de novas políticas monetárias pela Reserva Federal Americana marcou o início da sua queda. No final de 2020, o euro atingiu o seu valor máximo face ao dólar (1,22 € | valor médio do mês de dezembro). A partir de maio de 2021, o valor médio da moeda europeia começou a registar uma nova tendência de desvalorização face ao dólar norte-americano. A tendência de descida levou primeiro à paridade entre as moedas, mas em setembro (0,99€ | valor médio do mês) e outubro (0,98€ | valor médio do mês) de 2022, o euro atingiu o valor mais baixo dos últimos 20 anos (Figura 6). A desvalorização da moeda europeia face ao dólar foi marcada principalmente pela inflação e pelos efeitos da guerra da Rússia contra a Ucrânia. A dependência energética da Europa face ao gás russo e o receio de uma recessão afastou os investidores. A desvalorização do euro face ao dólar trouxe, no entanto, consequências positivas para as exportações portuguesas. No final de 2022, a moeda europeia começou a mostrar sinais de retoma, chegando aos 1,11€ em julho de 2023, que foi o valor mais elevado registado desde outubro de 2022 (Figura 6).

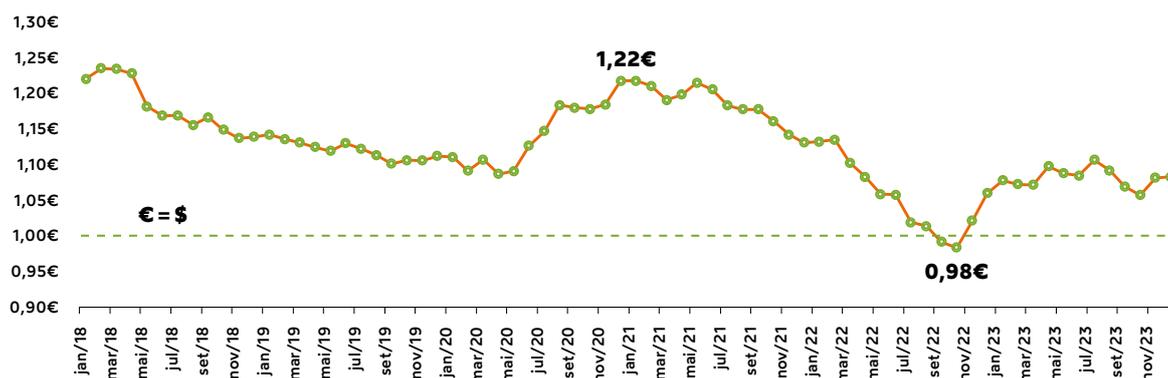


Figura 6 – Câmbio mensal EUR/USD janeiro 2018 – Dezembro de 2023 (Fonte: Banco de Portugal).

3.2.2 Taxas de Juro

Tal como em 2018, durante o período de 2019 a 2023 as taxas de juro em Portugal mantiveram-se sempre superiores à média da Zona Euro (Figura 7). No entanto, as diferenças nas taxas de juro entre Portugal e a Zona Euro têm vindo a diminuir desde 2020. Em 2019, a diferença percentual entre Portugal e a Zona Euro era de 47,11%, diminuindo para os 30,81% em 2022 e chegando aos 17,05% em 2023 (janeiro a outubro). Em maio de 2020, a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a sociedades não financeiras (SNF) diminuiu para 1,56%, novo mínimo histórico (Figura 7). Para esta descida terão contribuído as linhas de crédito associadas à pandemia. Em fevereiro de 2021, as taxas de juro apresentaram um valor mínimo, fixando-se em 1,71%. A partir do segundo trimestre de 2022, as taxas de juros em Portugal e na Zona Euro apresentaram uma tendência crescente, mais que duplicando entre abril e outubro de 2023, chegando aos 5,94% em novembro de 2023 (Figura 7). A subida da inflação e das taxas de juro aumentaram a pressão sobre os orçamentos das famílias, tendo impactos diferenciados no consumo em função das suas características socioeconómicas.

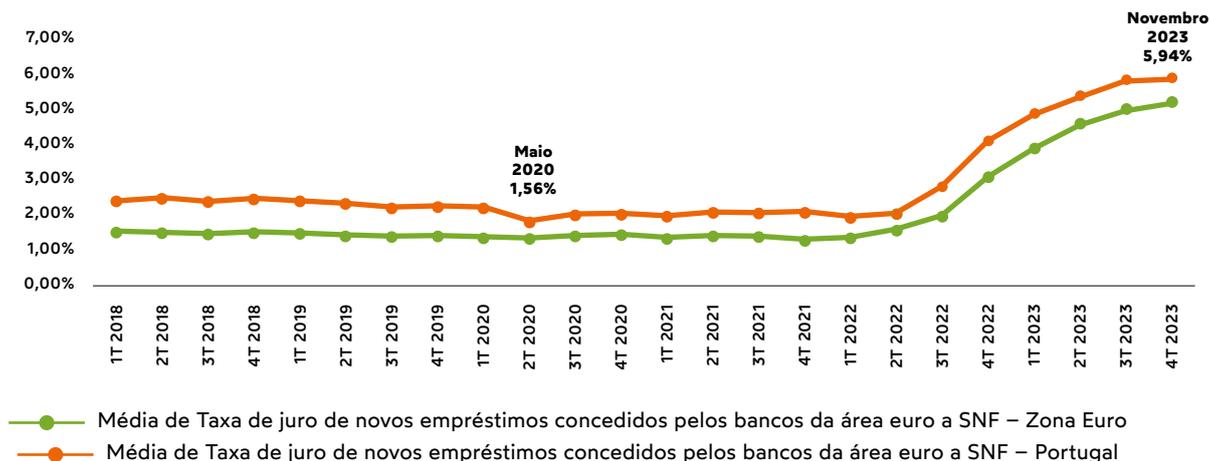


Figura 7 – Taxas de juro de empréstimos a SNF (novas operações) médias por trimestre, 2018 a 2023
(Fonte: Banco de Portugal).

3.3 Custos de Extração

Entre 2019 e 2023 o custo de extração foi superior em 2023 (6,86 €/@ | maior valor registado desde 2009) (Figura 8). Desde 2016, tem-se observado uma tendência crescente do custo de extração, acompanhando o aumento do salário mínimo nacional, embora entre 2020 e 2021 o custo de extração praticamente não tenha sofrido alterações. Entre 2021 e 2022, foi registado o maior aumento desde 2009 (+17,21 %). O custo de extração entre 2019 e 2023 representou cerca de 16 % do preço de comercialização da cortiça (Figura 8).

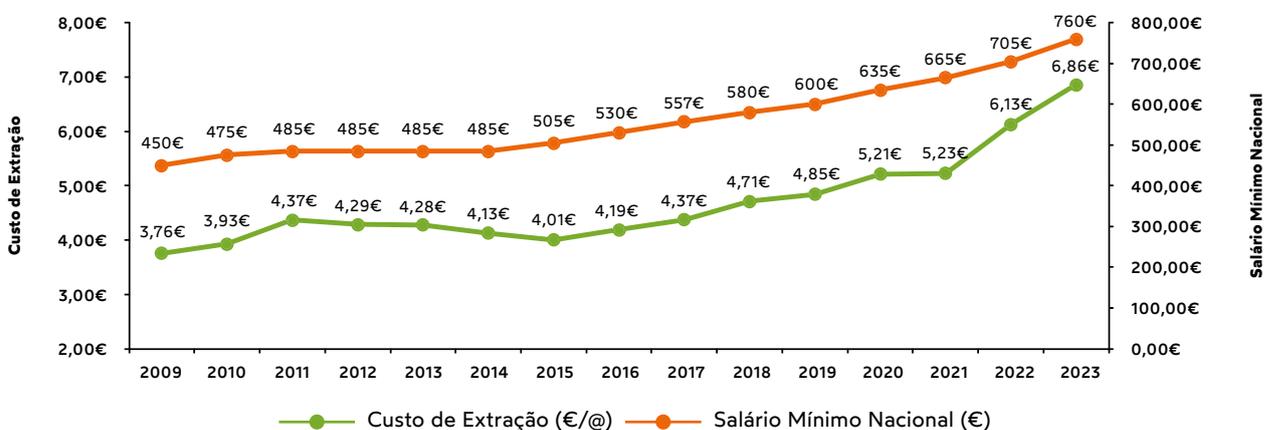


Figura 8 – Custo médio da extração de cortiça entre 2009 e 2023
(Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanhas 2019 a 2023) e
valor do salário mínimo nacional (Fonte: Direção-Geral da Administração e do Emprego Público)

4. Caracterização das Campanhas de 2019 a 2023

4.1 Resultados do Inquérito

4.1.1 Caracterização do Universo dos Inquéritos

Em 2019, foi rececionado um total de 144 inquéritos, -11% do que em 2018, representando um total de 884 822@ de cortiça extraída (-20% em relação ao ano anterior) (Figura 9). Contrariamente ao que seria previsível, em 2020, em plena crise pandêmica, foram recebidos 175 inquéritos (+22% face ao ano anterior), correspondentes a 1 047 234@ de cortiça extraída. Em 2021, o número de inquéritos recebidos foi de 147, representando 822 939@ (-21% de cortiça extraída em relação a 2020). Em 2022 foram apenas rececionados 121 inquéritos que representaram 599 571@ de cortiça extraída. Em 2023 foram rececionados 159 inquéritos que representaram 933 091@ de cortiça extraída (Figura 9).

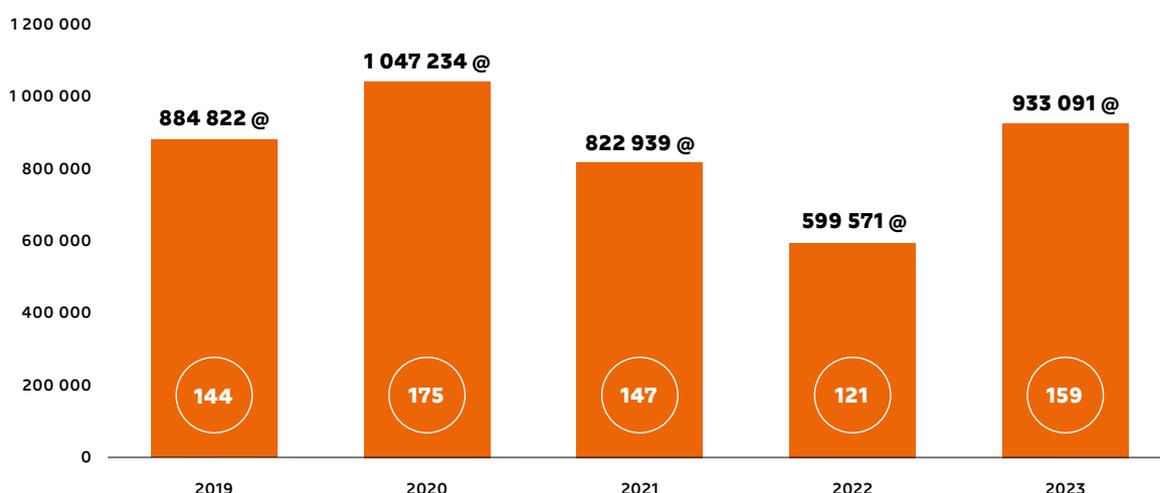


Figura 9 – Quantidade de cortiça extraída (@) entre 2019 e 2023 e número de inquéritos rececionados (Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanhas 2019 a 2023).

De acordo com os inquéritos rececionados, a NUT III – Lezíria do Tejo foi a que apresentou, nos cinco anos analisados, uma maior quantidade de cortiça transacionada, variando entre 29% em 2020 e 45% em 2022, seguindo-se o Alentejo Litoral, cuja distribuição percentual da quantidade de cortiça transacionada variou entre 17% em 2022 e 27% em 2020, o Alentejo Central com apenas 9% da cortiça transacionada em 2022, mas chegando aos 22% em 2019, o Alto Alentejo cuja percentagem de cortiça transacionada variou entre 12% e 20% (2019 e 2020, respetivamente) e o Baixo Alentejo com valores mais frequentes na ordem dos 4%, mas com uma acentuada subida em 2022, chegando aos 20% (Figura 10).

Ainda de acordo com os inquéritos rececionados, entre 2019 e 2020, foi registado no Alentejo Central, Litoral, Alto Alentejo e Lezíria do Tejo, um aumento da quantidade de cortiça extraída, seguida de uma tendência decrescente nos dois anos seguintes e uma nova subida em 2023 (Figura 10). No Baixo Alentejo, a variação na quantidade de cortiça extraída foi relativamente estável entre 2019 e 2021, no entanto, em 2022, a quantidade de cortiça extraída foi 3,5 vezes superior à extraída no ano anterior, representando 20% da cortiça extraída naquele ano (Figura 10).

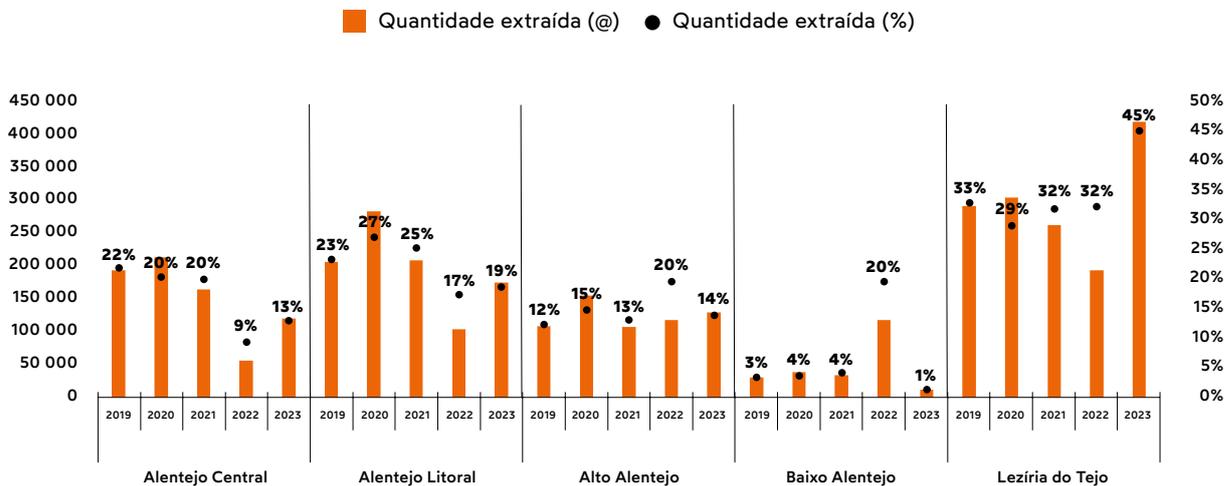


Figura 10 – Distribuição territorial da cortiça extraída (quantidade @) e valor percentual da quantidade de cortiça extraída em cada ano por NUT III. Para facilitar a leitura do gráfico só são apresentados os valores das NUT III que totalizam em cada ano, mais de 92% da cortiça transacionada (Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023).

4.1.2 Extração e Comercialização

Entre 2019 e 2023, em média 68% dos produtores que responderam aos inquéritos declararam serem os responsáveis pela extração da cortiça, com o objetivo de controlarem diretamente a execução desta operação.

Quanto à forma de comercialização da cortiça extraída, a pesagem, com ou sem empilhamento, representou, entre 2019 e 2023 a quase totalidade das transações (96%) (Figura 11). Este valor é semelhante a anos anteriores, tendo sido em 2018 contrariada a tendência crescente verificada da opção de pesagem com empilhamento nos últimos três anos (2015 a 2017).

No entanto, e não obstante o recurso à pesagem, verificam-se ainda acordos de pesagem com descontos de humidade significativos, variando entre os 10% e os 25%, neste último caso representando uma alteração do preço/@ acordado, penalizando, em regra, os produtores suberícolas.

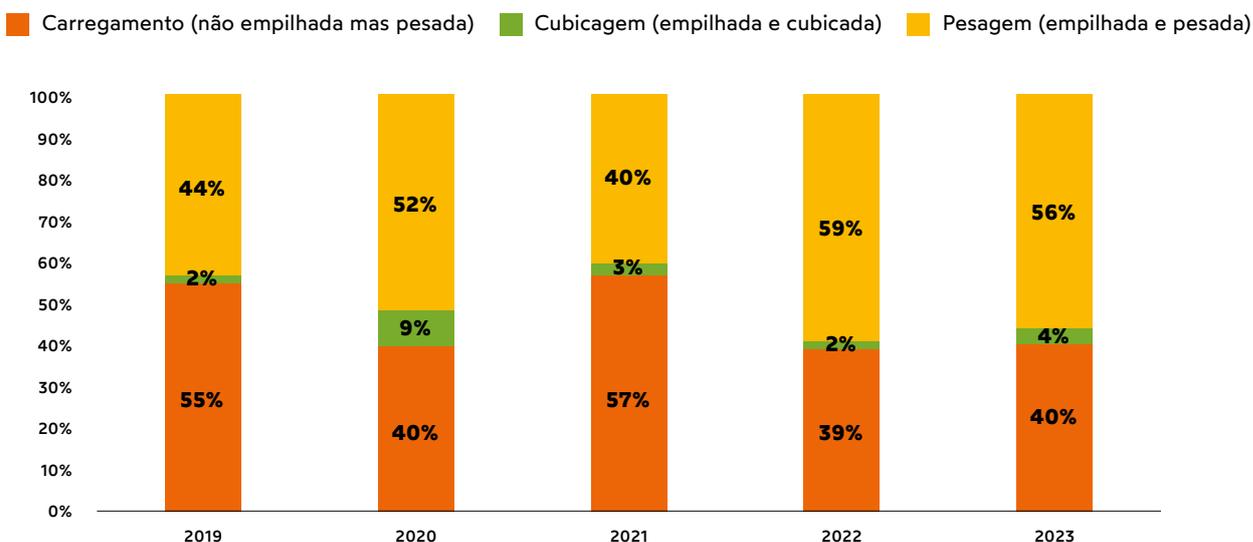


Figura 11 – Forma de comercialização da cortiça extraída entre 2019 e 2023 (Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023).

Quanto ao período temporal em que ocorre a comercialização da cortiça, manteve-se a tendência de antecipação registada em anos anteriores, com cerca de 76% (média de 2019 a 2023) das transações a ocorrerem no período que antecede o período de extração (janeiro – maio) (Figura 12). De assinalar que em 2022, durante o período de novembro a dezembro, o número de vendas foi significativamente superior à média dos outros anos analisados neste boletim (24% comparativamente a 2%| média de 2019 a 2023). Para todos os anos, exceto em 2021, a percentagem de vendas foi superior entre janeiro a março, chegando a representar uma média de 64% em 2019 e 2023 (Figura 12).

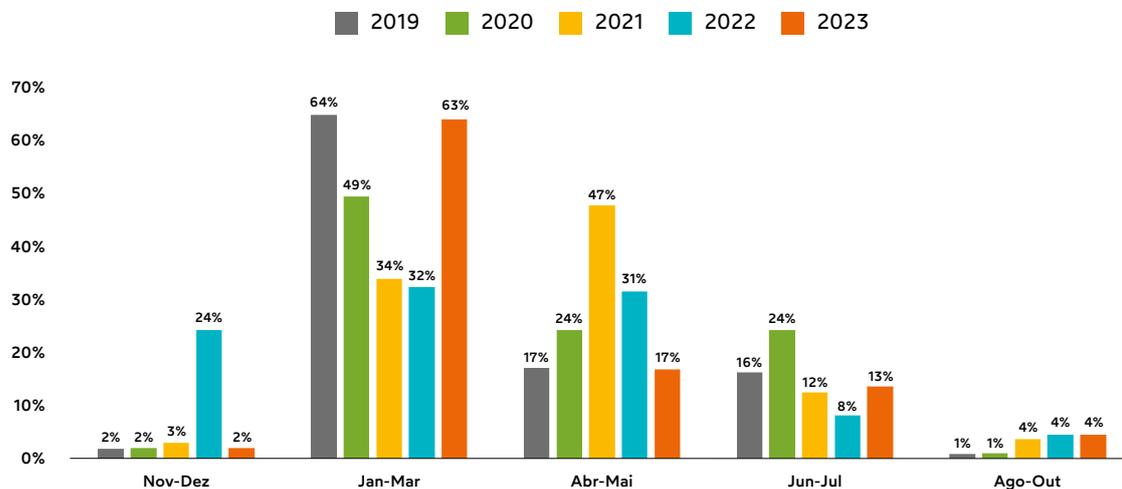


Figura 12 – Evolução da percentagem de vendas de cortiça ao longo da campanha
(Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023).

A tendência manteve-se também para a quantidade de cortiça transacionada, com cerca de 75% (média de 2019 a 2023) da cortiça a ser comercializada antes da extração (até maio) (Figura 13).

Em 2019, 63% da cortiça foi transacionada entre janeiro e março daquele ano (maior valor registado entre 2019 e 2023). Em 2020, a quantidade de cortiça transacionada naquele período desceu para 35%, verificando-se, no entanto, uma retoma nos anos seguintes. Em 2019 e 2020 foi transacionada uma quantidade muito reduzida de cortiça entre agosto e outubro (Figura 13).

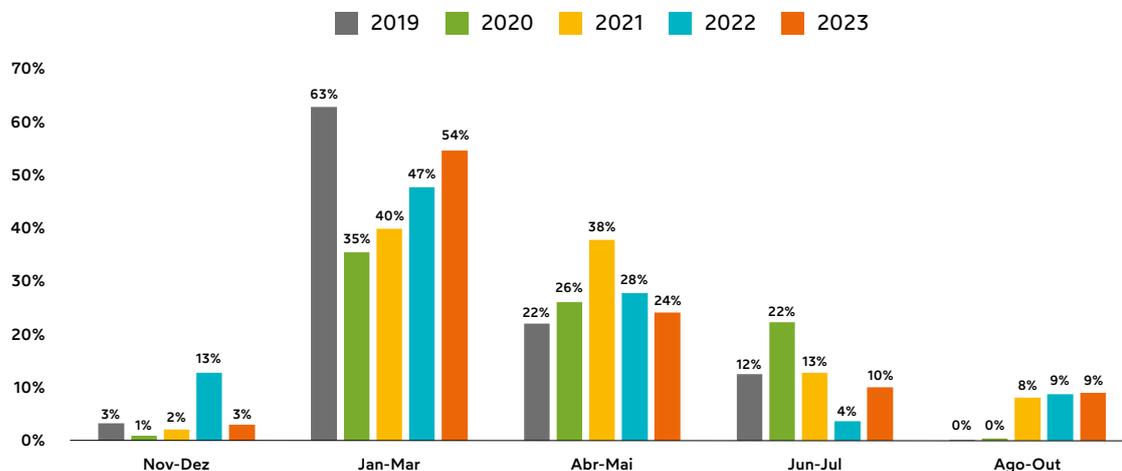


Figura 13 – Evolução da quantidade de cortiça transacionada ao longo da campanha (percentagem)
(Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023).

4.1.3 Qualidade da Cortiça

Entre 2019 e 2023, a cortiça para granular representou um terço da cortiça extraída. Esta cortiça, de valorização mais reduzida relativamente às outras classes de qualidade, aumentou 23% comparativamente a 2018 (27%), chegando a representar 39% da cortiça extraída em 2022 (Figura 14). Contrariando a tendência de aumento registada em 2017 e 2018 (43% de cortiça rolhável – valor médio dos dois anos), a percentagem média de cortiça rolhável apresentou uma tendência decrescente desde 2019, representando apenas 29% da cortiça extraída em 2023 (Figura 14).

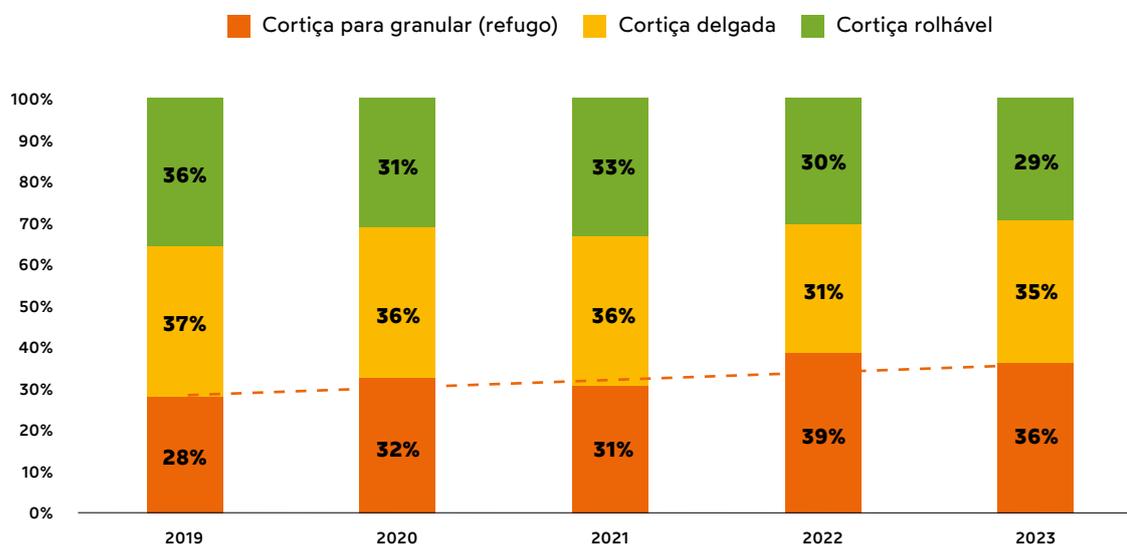


Figura 14 – Percentagem de cortiça extraída por classe de qualidade
(Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023).

4.1.4 Preços de Comercialização

Após um aumento do preço médio da cortiça amadia de 20% em 2018 face a 2017, onde o preço médio da cortiça extraída atingiu o valor de 40,26 €/@ (segundo valor mais elevado registado desde 2009), o preço da cortiça apresentou uma tendência decrescente entre 2019 e 2021, baixando em média 8% (Figura 15). Apesar deste decréscimo, os valores registados foram superiores aos valores praticados entre 2009 e 2016. Em 2022, o valor da cortiça extraída aumentou 19% face a 2021, atingindo 37,14 €/@. As condições climatéricas (seca e temperaturas extremamente elevadas) registadas durante a campanha de descortiçamento de 2022, terão condicionado a extração e a quantidade de cortiça disponível no mercado, podendo em parte explicar o aumento de preço em 2022. Em 2023, o preço de comercialização da cortiça atingiu o valor mais elevado registado desde 2009 (42,50 €/@) (Figura 15).

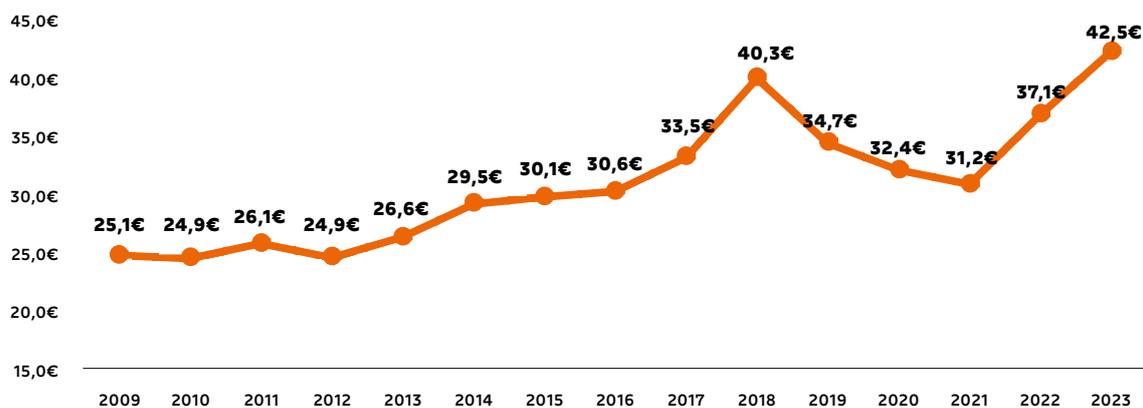


Figura 15 – Evolução do preço médio de cortiça amadia entre 2009 e 2023 (€/@)
(Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023).

Em 2019 e 2020, respetivamente 66% e 59% da cortiça amadia foi comercializada entre os 30,00 €/@ e 40,00 €/@. Em 2021, 54% foi comercializada a preços mais baixos, entre os 25,00 €/@ e 35,00 €/@ (Figura 16). Na campanha de 2022, uma maior quantidade de cortiça foi comercializada a preços mais elevados comparativamente aos anos anteriores, com 54% da cortiça a ser vendida entre os 35,00 €/@ e 45,00 €/@. Em 2023, foi notório um aumento da quantidade de cortiça comercializada a preços mais elevados, com 71% da cortiça a ser comercializada acima dos 40 €/@, com 11% da cortiça comercializada acima dos 55 €/@ (Figura 16).

Analisando as classes inferiores, observa-se que em 2020 e 2021, em média 16% da cortiça foi vendida a preços inferiores a 25,00 €/@, valor substancialmente superior ao valor médio registado nos outros anos aqui analisados (3,5%). Esta classe de valor equivale ao limiar de rentabilidade para as cortiças dos montados localizados na Bacia do Tejo e Sado, sendo o limiar de rentabilidade superior em condições de Serra ou outras condições edáficas.

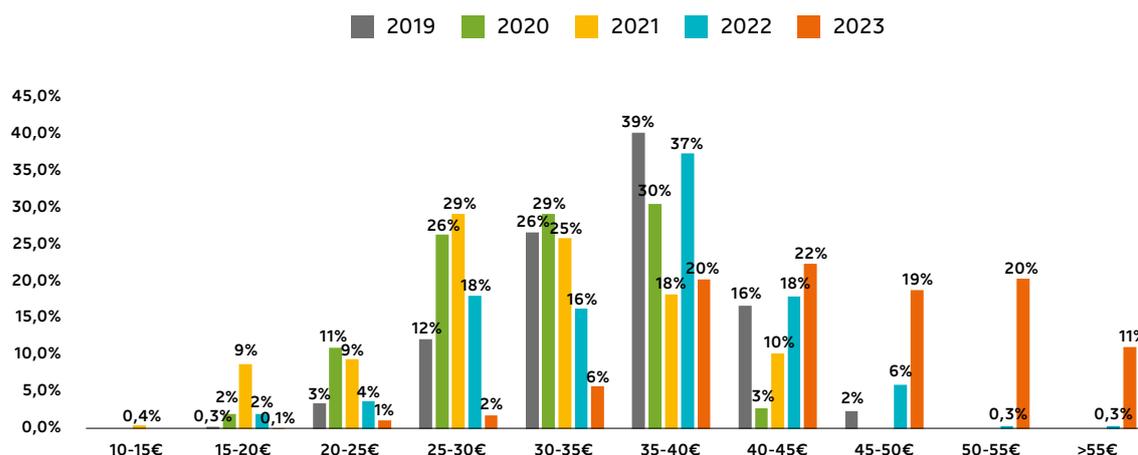


Figura 16 – Distribuição percentual da quantidade de cortiça amadia comercializada por classes de preços entre 2019 a 2023 (Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023)

No período entre 2019 e 2023, o preço da cortiça amadia foi em média mais baixo na Beira Baixa (24,59 €/@ – média de cinco anos) e mais elevado nas regiões do Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo (cerca de 37,00 €/@). Entre 2019 e 2020, com exceção da Área Metropolitana de Lisboa, foi registado um decréscimo no preço médio da cortiça, sendo este decréscimo mais acentuado no Alto Alentejo. Entre 2020 e 2021, a maior parte das regiões apresentaram pouca variação no preço da cortiça amadia. Em 2022, os preços médios da cortiça apresentaram uma subida, exceto no Alto Alentejo, Área Metropolitana de Lisboa e região do Médio Tejo, e em 2023 registado um aumento significativo generalizado do preço médio de cortiça, tendo-se observado a maior subida no Alto Alentejo (53%).

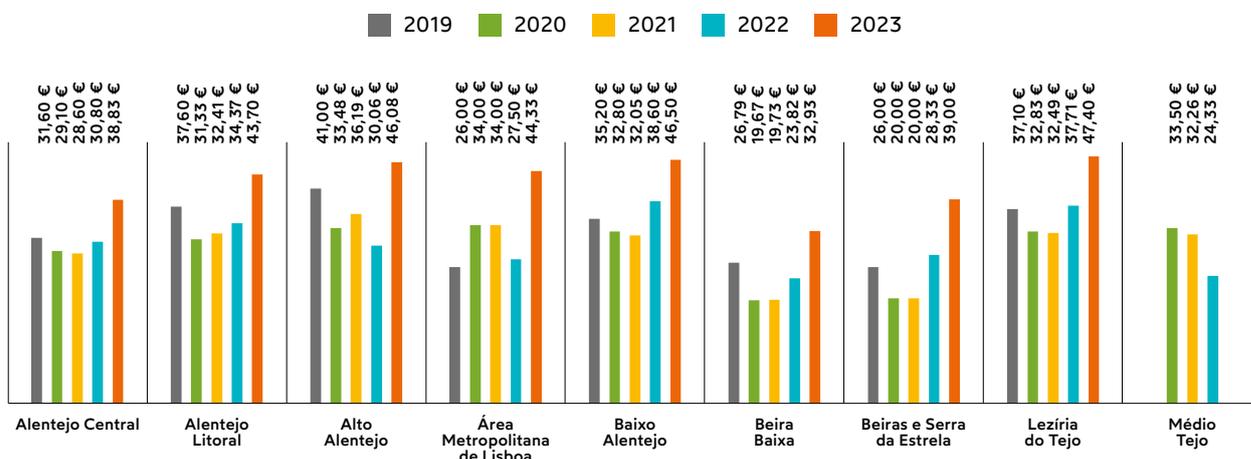


Figura 17 – Preço médio de cortiça amadia extraída por NUT III (€/@) (Fonte: UNAC, Inquérito sobre a Comercialização da Cortiça – Campanha 2019 a 2023).

Nota Final

Este boletim apresenta informações de cinco campanhas (2019 a 2023), caracterizadas por episódios que tiveram um impacto profundo na economia mundial, nomeadamente a pandemia, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, e o início do conflito israelo-palestino no 4.º trimestre de 2023, com um aumento dos preços das matérias-primas, e da energia, fatores determinantes na estrutura de preços da extração de cortiça. No entanto, apesar deste contexto económico, os valores das exportações de cortiça mostraram uma tendência geral de crescimento devido muito provavelmente à desvalorização do euro em relação ao dólar norte-americano.

Ao nível nacional, entre 2019 e 2021, o preço de comercialização da cortiça apresentou uma tendência de descida, alcançando os 31,2 €/@ em 2021. Nos dois anos seguintes, verificou-se um aumento acentuado, com o preço a atingir, em 2023, um valor médio máximo de 42,5 €/@, sendo que 71% da cortiça foi comercializada a preços superiores a 40 €/@ naquele ano. A menor quantidade de cortiça extraída em 2022, devido às condições climáticas pouco favoráveis que caracterizaram a campanha, influenciou de forma positiva o preço da cortiça amadia naquele ano (+ 16%).

Desde 2016, e embora entre 2020 e 2021 o custo de extração tenha praticamente permanecido inalterado, observou-se uma tendência crescente no custo de extração, acompanhando o aumento do salário mínimo nacional. Em 2023, o custo de extração atingiu um valor máximo de 6,86 €/@, sendo este o valor mais elevado registado desde 2009.

A UNAC deseja, uma vez mais, manifestar o seu agradecimento aos produtores suberícolas pela disponibilização da informação compilada neste boletim, bem como às **nossas** Associadas pelo seu empenho contínuo na recolha de dados de produção junto dos seus associados. Sem este esforço coletivo, que tem vindo a ser concretizado desde 2007, não seria possível dispor de informação de indicadores essenciais para o mercado da primeira transformação da cortiça.

As nossas Associadas:

AFLOBEI - Associação de Produtores Florestais da Beira Interior

ACHAR - Associação dos Agricultores da Charneca

AFLOSOR - Associação dos Produtores Agro-Florestais da Região de Ponte de Sôr

ANSUB - Associação dos Produtores Florestais do Vale do Sado

APFC - Associação dos Produtores Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes

SUBERÉVORA - Associação de Produtores Florestais da Região de Évora